

Conto de
Aгнаeldo Áquila Viana dos Santos

SONHOS E DELÍRIOS EM BARREIRINHAS

História baseada no relato de Agzael Viana dos Santos

“(...) o trabalhador é digno do seu salário”. Eu sempre digo isso, no duro. Eu sou um cara tranquilo e o meu trabalho é com fretes, e nesse meio, tem seus altos e baixos. Às vezes entro em cada zona, meu, só sendo um louco. E eu sou, às vezes! Eu raramente saio de São Luís, a trabalho, além disso, a gasosa está caríssima pra chuchu nestes tempos de covid. Mas, aceitei dias atrás um trampo louco daqui a Barreirinhas. Para lugares distantes como este, só indo a dois. Então levei comigo o andarilho Dionísio.

Eram 258,8 km daqui para lá e marcamos para irmos às 11 horas da manhã, pois queria sair depois do almoço. Dionísio como de praxe foi com a roupa do corpo, sem mudas, mesmo sabendo que seriam 16 horas entre a ida e a volta e possivelmente dormiríamos em algum canto sombrio, pois não tínhamos grana para hotel. Não era muita coisa que levaríamos: uma geladeira de duas portas e um fogão de seis bocas. Zarpamos na donzela perdida do asfalto (como chamo a Saveiro) naquela hora cantamos vento rumo à cidade dos lençóis. Dionísio, posso dizer no duro, era um cara peculiar em todos os sentidos possíveis e inimagináveis.

Nos seus dias sóbrios ele era um Buda, mas bastava um etílico no sangue que pulava do Siddartha para um Christopher Marlowe. Nós, fomos sóbrios, era necessário. Passamos da ponte do estreito, ele gesticulou alguma coisa...para o mar..., e depois saltou três diálogos que talvez fizesse consigo mesmo: — Meu, vamos escutar algo? Estou fervendo a minha mente com a incerteza! — Qual incerteza? Eu disse, balbuciando também. — Se eu tranquei ou não a porta da minha casa. Eu pensei comigo depois de alguns minutos! O campo de Perizes sempre foi um lugar abandonado, mas agora parecia um campo de obras. — Põe uma música! Ok, eu disse, sorrindo para o vento que assobiava estranhamente distante de nós.

Algumas músicas estavam salvas no meu *pendrive* e de forma aleatória apareceu está: *Comfortably Numb, do Pink Floyd*. Ela badalou dentro do carro quase como uma marcha fúnebre. Fiquei arrepiado. Eu estava realmente confortavelmente entorpecido com aquela paisagem, então paramos em Rosário e bebemos duas brejas. Dionísio queria mais do que duas, mas eu disse que não poderíamos ficar mais entorpecidos do que já estávamos e assim seguirmos viagem, eu acho. Eu desliguei o som, mas Dionísio ligou novamente e caiu “*Sympathy for The Devil, dos Rolling Stones*, mas eu nem deixei tocar toda. Fiquei pulando até achar outra menos sinistra. A BR-402 parecia uma desolação kafkiana pós-Chernobyl. A vegetação rasteira e as árvores de pequeno porte contribuíram para alterar as nossas sensações do ambiente.

Os pneus estavam carecas e era esse um dos objetivos que aceitei fazer esta odisséia que já cheirava mal. O silêncio voltou a reinar. Dionísio só falava alucinadamente e parecia estar bêbado, já dizia frases aleatórias como “Here comes your man”. Depois de quase 5 horas loucas de viagem, chegamos à rua 1º de maio. Ela parecia que queria nos engolir. — Meu! Que solidão! — “What if they never catch?” — Pare com essa lomba, meu. — “Hit me! Hit me!” Bateu à vontade, mas contive meus impulsos e o deixei falando sozinho.

Descarregamos e fomos pagos e pegaríamos o caminho de volta, mas já passava das 17 horas e chegaríamos à ilha às 21 horas ou 22 horas a depender da estrada. Eu estava cansado e Dionísio estava querendo beber mais. Não tinha dinheiro para nos hospedarmos. Fiquei sentado no banco da donzela; pensando, pensando com os meus botões, no que faríamos. Liguei para velhos amigos e somente um que nunca atendia, atendeu. A voz dele saiu mefistofélica e quase desliguei. Ele passou a localização fixa e olhei no GPS. Só ficava 30 minutos fora do nosso percurso, mas era melhor do que dormir na rua. Fomos para um bar e bebemos sete doses de uma cachaça da terra.

Dionísio bebeu mais do que eu, talvez 1/3 do que receberia pelo serviço. Às 21h55 o dono do bar disse que fecharia e saímos em direção ao nosso destino. A internet não estava muito boa, mas aos trancos e barrancos conseguimos chegar ao sítio. Vou resumir o cenário para vocês: pensem no filme “*A casa da colina*” e agora tempere com algo menos gore como o “*Pânico na floresta*”, eis a ideia que terão do lugar. A residência ficava no meio do nada, da porteira que já estava aberta até a casa, foram 20 minutos, mas chegamos ao local. Que por sinal, ao redor da casa era bem iluminada.

O nosso anfitrião nos recebeu totalmente pelado e aparentemente havia uma idosa de 80 anos sentada numa mesa de jacarandá segregando o feijão numa escuridão medonha e uma outra que na hora não pude ver direito, mas ela apareceu, igualmente nua. Ele, o anfitrião veio balançando aquilo e disse com uma voz jocosa, — Fala meus brothers como estão as coisas na ilha? — Estão como deus a quer, eu disse meio assustado. — Eu preparei um lugar para vocês. O lugar parecia realmente sinistro. Havia quadros hindus e do candomblé como se duas pessoas de credos diferentes habitassem ali.

Eu não tirei o tênis nem a roupa. O anfitrião apareceu agora, de roupão bege e com listas lilases dizendo, boa noite. A porta ficara entreaberta. A idosa que antes estava silenciosa na sua árdua tarefa, soltou um riso estranho que ressoou nos meus ouvidos e um papagaio que não sei de onde veio gritou um nome: — Azael. Meu sangue congelou. Eu não fazia ideia de quem era, mas já estava nervoso. — Ei, cara, disse eu. Ei, dormiu? O silêncio batia e o vento rosnava lá fora. Alguém fez sombra na porta e dei um tapa no peito de Dio. — Cara, lembra aí, pow. — Estou acordado e não estou gostando do diálogo desses cinco! — Que cinco!? São três, eu disse, o papagaio não

conta. — Não meu, são cinco cabras, fora a velha, que estão aqui. Dois dentro da casa e três lá fora. — Vamos sair desse hospício. — Vamos, só tem um problema brother. Estou dormente da cintura para baixo. O quê? Eu levantei tentando pensar em algo e andei pelo quarto e foi aí, a minha grande miséria certeza, um achado sinistro... encontrei um fêmur com sangue velho de algo que julgo ser de um animal ou coisa e tal, nele estava entalhado as iniciais *CMB*.

CMB, diacho que diabo é *CMB*? Dei um chute no calcanhar dele e disse, — miséria se tu não se levantar, te deixo aí. Ele pulou da cama como uma onça e nem falamos mais nada e fomos logo saindo. Eu corri como um “*Forrest Gump*” quase competindo com os grilos. Meus calcanhares cantavam um cro cro, diferente do cri, cri. Avistei o carro e olhei para os lados como um maníaco. Puta merda, cadê esse louco? O silêncio continuava a sussurrar na escuridão e as árvores farfalhavam na escuridão para além da casa e não sabia se cantava pneu ou empurrava o carro e se alguém me bater por trás, não, não vou sair daqui. Isso já beirava as 2 horas da manhã. 2 minutos, ele apareceu mais branco que “*Papillon*” depois da penúltima fuga. Eu nem disse nada, zarpei. Chegamos à porteira e ela estava fechada. — Meu deus do céu, exclamei ao vento e disse a ele, vai lá e abre essa desgraça. — Por que eu? — Tu diriges ou não? Ele foi e abriu. Deixamos ela aberta e sumimos. Até chegar à estrada principal foram quase 4 horas.

O céu estava estranho, olhei um cavalo de ferro. Dionísio saltou para fora da janela e vomitou um litro de cachaça. Eu já estava pensando na possibilidade de eles pensarem o pior e fossem à nossa procura. Eu fiquei pensando no pior. Será que planejavam algo? Será que planejava, disse isso quase em voz alta. — O quê? — Diacho, estamos perdidos, exclamei. Use o GPS, eu disse. — Meu celular não pega GPS! Usa o meu, eu disse, gritando para ele. — O que diabo você estava fazendo lá naquela hora? — Eles estavam todos juntos, os sete! — Tu não disseste que era cinco? — Os cinco, e mais a velha e o papagaio. — Eita diacho, pare de falar e pegue o celular. Ele o pegou e nos orientamos e ESTRANHAMENTE, estávamos em Itapecuru-Mirim.